

# Serengeti

.....  
INSPIRAÇÃO PURA  
EM PLENA ÁFRICA

No meio da savana tanzaniana destaca-se o pórtico que anuncia a entrada no Parque Nacional do Serengeti. Por entre as ondas de calor que fazem desfocar a terra, distinguem-se as vestes de um pastor masai a flutuar na distância: assemelha-se a Homem a Andar, a escultura de Alberto Giacometti e só a vestimenta escarlate a ondular ao ritmo da passada se agita na imobilidade do panorama. Dir-se-ia que estas silhuetas solitárias se dirigiam para nenhures pois tudo em volta é pó e arbustos mirrados de sede mas as aparências iludem: para lá do aspeto estéril e inóspito há vida e criação.

Texto Maria João Castro Fotos Pedro Sousa Dias





O jipe saracoteia-se no trilho esburacado. No exterior, o reino vegetal e animal desfila em slow motion: acácias chapéu-de-chuva crescem em camadas horizontais pontuando a planície de verde. O capim ressequido esconde vida. Guinchos de babuínos fazem levantar os pescoços elegantes de três girafas a desfolhar a copa de uma árvore, enquanto as hastes de um antílope baloiçam ao ritmo com que ruminam a erva. Num plano distinto, uma manada de zebras risca, por entre o restolho amarelecido, a terra a preto e branco. A poucos metros, um gnu – a maior espécie de antílopes – emite alguns grunhidos:

o boi-cavalo exibe-se aos coices no ar, abanando a cauda preta e provocando pequenas escaramuças com um outro da sua espécie. Adiante, o restante grupo pasta, desinteressado da disputa e da nossa presença. Em redor, águias, avestruzes, impalas, javalis e búfalos rasgam céu e terra, indiferentes à nossa passagem conforme o dia cresce mudo e cintilante.

A tarde passa célere com avistamentos de carnívoros e herbívoros mas são os elefantes a brindar-nos com um insólito espetáculo: um banho de lama numa das poças do trilho secundário. Durante mais de uma dezena de minutos chafurdam na água a meia dúzia de metros do

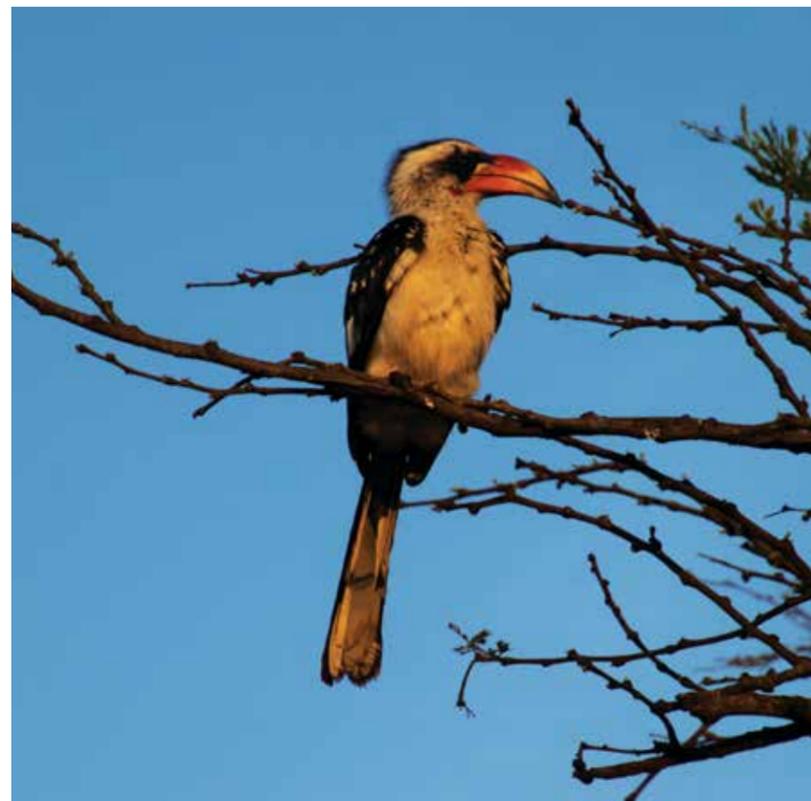




jipe. A lama com que se cobrem tem dupla função: cria uma capa rija que os protege das picadas dos insetos e simultaneamente ajuda a formar uma barreira protetora contra o calor mantendo a sua temperatura corporal controlada.

Da terra desprende-se um odor desconhecido. As nuvens viajam com o vento que as embala em direção às montanhas fazendo-as embater contra as encostas. Uma ave voa no céu, outra eriça-se e mergulha o bico na terra dura. Ao longe, a chuva cai. O ar torna-se sombrio. De repente, desaba uma tempestade e a terra converte-se num mar de lama. É nesse instante que as inauditas combinações e cambiantes do planalto formam uma dança selvagem e mefistofélica. Os animais, indiferentes ao aguaceiro torrencial, movem-se silenciosos. Os relâmpagos iluminam as colinas mas o choro dos deuses africanos dura o tempo de um lamento. Pouco depois, a trovoadá diminui até que cessa, tão repentinamente como se iniciara. Sobra um inebriante cheiro a terra molhada e a nitidez da paisagem que se enterra num poente crúceo.

Extenuados e empoeirados, chegamos ao anoitecer ao camp de Nguchiro. Já tarde na noite ouvem-se rugidos de leões ecoando não muito distantes. Subitamente gutural, a vibração em crescendo inunda o espaço envolvente até que acaba por morrer, numa espécie de suspiro profundo.





Fica-se de respiração contida, a escutar a escuridão silente. Pouco depois, ouve-se o riso invisível das hienas mas o cansaço de um dia cheio vence os sentidos arrastando-os para um sono pesado. Lá em cima, o Cruzeiro do Sul é a única testemunha do meu espanto.

Quando a aurora surge, a chuva que caíra durante a noite lustra os ramos de um brilho promissor. Aos primeiros raios de luz, um novo game drive leva-nos a percorrer uma outra parte do Serengeti.

Atravessamos um charco fazendo a lama saltar e colar-se ao jipe. Bandos de aves voam em círculos largos enquanto, em terra, alguns jovens gamos fogem da água. Na direção oposta, galinhas e cercetas chapinham numa poça em grande azáfama sob o olhar dos marabus que, carrancudos, observam empoleirados num galho pétreo...

Ao longo do dia, e pelos trilhos do parque, avistamos numerosos clãs de leões e leoas: nunca em lugar algum de África vi tantos grupos em tão pouco espaço de tempo. Magnânimos, a descansar debaixo dos arbustos preparando-se para a caça noturna, são inquestionavelmente os reis da savana. As suas jubas, ondulando à aragem africana, coroam a sua opulência camuflando-os no capim acabando por se diluir numa atmosfera onírica que os destaca sobre os demais habitantes deste lugar singular.

No safari seguinte houve ainda tempo para observar o olhar astuto de um leopardo empoleirado no ramo de uma árvore centenária, a velocidade pura de uma chita a perse-





No Serengeti respira-se a verdadeira dimensão onírica  
do Continente Negro



guir uma impala, o vislumbre de um leão a alimentar-se de uma zebra perante o olhar atento de uma tríade de leões que, lambendo-se e bocejando, aguardavam que o rei se saciasse para avançarem. Todos, sem exceção, eram caçadores eficientes, felinos sem rival e predadores únicos de um lugar demiurgo onde a força da natureza e dos instintos tudo abarcava e engolia.

Seja de que modo for, o Serengeti seduz puxando-nos para si, talvez por se encontrar cheio de possibilidades nas suas extensões imensas, por respirar uma certa dimensão selvagem numa história com espaços em branco por preencher, preso a uma imutabilidade e a uma inocência já perdida na maior parte do resto do mundo.

“Planície sem fim” é esse é o significado de Serengeti no idioma Masai. Desta reserva única, a imagem que a memória guardará traduz-se numa silhueta alongada, uma mancha recortada a negro diante da luz da tarde, que, gradualmente se transforma numa miragem acabando por se desvanecer nas reminiscências de uma viagem que fica para a vida... ●

 **Across** [www.across.pt](http://www.across.pt)  
Luxury Travel & Safaris

## DICAS ÚTEIS

### Como ir:

Não há voos diretos para a Tanzânia. A Ethiopian Airlines, KLM e Turkish AirLines têm, periodicamente, tarifas promocionais. O aeroporto internacional mais próximo do Serengeti é o de Kilimanjaro.

### O que fazer:

Safari de vários dias através do Parque Nacional do Serengeti. Ver programas específicos da ACROSS.

### O que levar:

Roupa fresca, repelente de mosquitos, calçado confortável, chapéu, protetor solar, máquina fotográfica, água, agasalho noturno.

### Em que época ir:

De Agosto a Outubro, quando tem lugar a Grande Migração, um dos fenômenos naturais mais espetaculares do mundo, tendo levado a UNESCO a classificá-lo como um Património da Humanidade. Mais de 1 milhão de gnus incetam uma longa marcha até a pastagens mais abundantes a norte (Masai Mara, no Quênia) sendo acompanhados por numerosos outros animais como búfalos, gazelas e zebras.

### O que ler:

Save me from the Lion's Mouth, James Clarke; The Elephant Whisperer, Lawrence Anthony; The End of the Game, Peter Beard.